

POR UM ALGARVE SEM POBREZA

NÚCLEO DISTRITAL DE FARO DA EAPN PORTUGAL

A EMPREGABILIDADE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E INCAPACIDADE



PÁG. 3 » ENTREVISTA
UM JOVEM, UMA CADEIRA,
UMA CABEÇA CHEIA DE SONHOS

PÁG. 7 » TESTEMUNHO
JUNTOS PODEMOS FAZER
UMA SOCIEDADE DIFERENTE

PÁG. 9 » NA PRÁTICA
O EXEMPLO DA FUNDAÇÃO
IRENE ROLO

EDITORIAL

A FORÇA NÃO PROVÉM DA CAPACIDADE FÍSICA. PROVÉM DE UMA VONTADE INDOMÁVEL.

MAHATMA GANDHI

O “Por um Algarve sem pobreza” Revista Digital é uma iniciativa do Conselho Local de Cidadãos do Núcleo distrital de Faro da EAPN Portugal – Rede Europeia Anti-pobreza.

Com esta publicação pretende-se abordar os vários temas que afetam pessoas em situação de pobreza e exclusão social. É uma aposta em dar visibilidade aos problemas com que estas pessoas se deparam, mas também no sentido de divulgar os esforços que são realizados na resolução e minimização desses mesmos problemas. Para além disso, pretende-se publicitar alguma informação que seja pertinente dentro de cada tema.

Nesta edição o tema central é “A empregabilidade de pessoas com deficiência e incapacidade”.

O jovem Ricardo Monteiro é o entrevistado desta

edição. Um exemplo de resiliência e de determinação, que não se deixa inibir pelas suas limitações.

Isabel Sousa, membro do Conselho Local de Cidadãos do Núcleo de Faro, conta-nos as dificuldades com que as pessoas com incapacidade e deficiência se deparam na tentativa de ter uma vida autónoma e digna.

A Fundação Irene Rolo também colabora nesta edição, relatando os resultados do trabalho que realiza com o seu Centro de Reabilitação e Formação Profissional.

Por fim, apresentamos um guia com os apoios que existem em Portugal para pessoas com deficiência e incapacidade.

Agradecemos a todos/as os/as que colaboraram nesta edição. Boas leituras.



FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE DE EDIÇÃO: EAPN Portugal | COORDENAÇÃO: EAPN - Núcleo Distrital de Faro da EAPN Portugal

COLABORAÇÕES: Clara Inácio; Dionísia Pedro; Filipa Almeida; Isabel Sousa | ENTREVISTA: Clara Inácio

DESIGN E PAGINAÇÃO: Susana Rebocho | PARCEIROS: Associação Igualmente Diferentes e Fundação Irene Rolo

Esta edição é uma iniciativa do Conselho Local de Cidadãos do Núcleo Distrital de Faro da EAPN Portugal

ENTREVISTA

UM JOVEM, UMA CADEIRA. UMA CABEÇA CHEIA DE SONHOS

**“NASCI COM PARALISIA CEREBRAL.
MAS ISSO NUNCA ME LIMITOU EM NADA.
SEMPRE ANDEI, CORRI.”**

EAPN Portugal - Olá Ricardo! Em primeiro lugar gostaria de te agradecer por teres aceitado ser o nosso entrevistado desta edição! Podes falar-nos um pouco sobre ti?

Ricardo - Bem, tenho 25 anos, e nasci com paralisia cerebral. Mas isso nunca me limitou em nada. Sempre andei, corri, entrei para os escoteiros com seis anos, fiz a escolaridade até ao 12º ano, tirei mais duas formações... Quando tinha 18/19 anos fui para Lisboa. Ia tirar a carta de condução, continuar a praticar desporto adaptado e entrar para a Universidade. Só que entretanto fui operado ao apêndice. Entrei no hospital com a dor do apêndice a andar e saí do hospital já sem andar. Saí com vários problemas associados, e tive de ser internado no CMR Sul em S. Brás. Estive lá seis meses e tal e voltei a andar. Só que passados dois, três meses voltei a cair outra vez. Calcula-se (os médicos não dizem porque não há provas concretas porque os médicos escondem tudo) que foi uma anestesia mal dada. Atualmente faço fisioterapia todos os dias para conseguir voltar a andar e estou à espera que me chamem para o CMR de Alcoitão.


E- Portanto a tua esperança é voltares novamente a andar?

R- Sim.

E- És um jovem que, apesar de tudo, realiza muitas atividades! Queres contar-nos um pouco?

R- Sou escoteiro há dezanove anos, em adolescente fui manager de bandas de música, corri o país todo a fazer concertos e tournées. Comecei com a banda do meu irmão e depois começaram a chamar-me para outras bandas e comecei a ajudar outras bandas. Neste momento sou manager do dueto “Songs & Dawns”, um dueto de rock e blues da cidade de Beja.

Há dois anos fiz uma campanha de angariação de tampas por todo o país para conseguir uma cadeira de rodas elétrica, que é esta que utilizo, que custou 18 000 euros.



“Há dois anos fiz uma campanha de angariação de tampas por todo o país para conseguir uma cadeira de rodas elétrica, que é esta que utilizo. Custou 18 000 euros.”

E agora estou com outra campanha para comprar os aparelhos para endireitar os pés e voltar a andar. Tive também, há dois anos, um projeto chamado “Olhão acessível”. Filmei com um amigo meu, o Nuno Relógio, um vídeo sobre acessibilidades e após esse vídeo houve muitas rampas em Olhão a serem colocadas. Apresentei-o ao antigo presidente da Câmara de Olhão, mas ele não me deu muita importância, mas as próprias pessoas deram importância ao vídeo e foram colocando rampas em farmácias, em cafés, em lojas, o que é muito bom. Em Dezembro do ano passado criei uma associação, a “Igualmente Diferentes”, que é uma associação de apoio à deficiência, e que vai dar apoio à empregabilidade entre muitas outras coisas. Começou agora e estamos a crescer devagarinho. Foi uma aposta minha porque acho que faz muita falta no país, e em especial no Algarve. A Igualmente diferentes pretende esclarecer as pessoas sobre o que é a deficiência, o que conseguimos ou não fazer, interagir também com a sociedade civil e não só com os próprios deficientes.

E- Depois de teres ficado na cadeira de rodas começaste a ver a tua vida profissional dificultada...

R- Mesmo antes, com a paralisia cerebral já havia dificuldade porque entreguei muitos currículos e as respostas foram todas negativas. Eu fiz o 12º ano em informática, um curso para conseguir trabalhar, e vi os meus colegas todos a trabalhar e eu sem trabalho. Antes havia isso, mas agora com a cadeira de rodas é muito mais.

E- Portanto tinhas as capacidades para exerces as funções que pediam mas nunca te aceitavam.

R- Sim, tanto que depois de estar em cadeira de rodas tive de criar as minhas atividades profissionais. Criei uma de artesanato, ou seja, faço produtos de trapilho e telagarça, e há um ano e tal criei uma outra atividade de distribuição e elaboração de publicidade, que se chama Publirodas. Sou eu que faço a publicidade e distribuo em Olhão, Faro, Gambelas e Montenegro. Tive de criar o meu próprio sustento porque não há trabalho para nós. E o Estado ajuda muito as empresas que contratam pessoas com deficiência, mas mesmo assim as empresas não querem.

E- Porque é que achas que isso acontece?

R- Muito preconceito ainda. Não sei se será medo, se será... O que é que o vou pôr a fazer? O que é que



ele sabe fazer?... Mas o que é certo é que a gente consegue fazer de tudo um pouco como uma pessoa normal. Isso nada impede de... Há pessoas com doença psiquiátrica, doentes com paralisia cerebral e outras patologias que não raciocinam, que não comem sozinhos... Agora, nós temos uma cabeça normalíssima igual a outra pessoa qualquer, só que estamos presos a um corpo, e as pessoas só olham para o nosso corpo e não olham para a nossa cabeça.

E- Para além desse, que mais entraves achas que existem para pessoas com deficiência ou incapacidade para arranjar trabalho, o que é que acontece no dia-a-dia?

R- Muitas barreiras arquitetónicas nas empresas... não têm rampas, não têm escritórios adaptados, não têm escritórios com espaço, e a desculpa acaba muito por ser essa. Não temos condições, não temos casa de banho adaptada, o escritório tem escadas, degraus... e acaba por ser mais uma desculpa agregada às outras... Que não têm coisas para pessoas com dificuldades fazerem... que não

empregam pessoas deficientes... já me disseram isso. E é um bocado isso, nós coitadinhos não conseguimos fazer nada.

E- O que é que achas que se poderia fazer para resolver esse problema?

R- Os empresários e as lojas e todos os outros terem uma mente mais aberta e olharem para as pessoas com deficiência como pessoas normais. E aproveitarem os benefícios do estado. Para quem emprega uma pessoa com deficiência, os benefícios fiscais são muitos. Não pagam impostos, não pagam isto, não pagam aquilo. O estado ajuda a pagar o ordenado...

**O ESTADO AJUDA MUITO AS EMPRESAS
QUE CONTRATAM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA,
MAS MESMO ASSIM AS EMPRESAS NÃO QUEREM.**

E- Achas que haveria alguma forma de mudar a mentalidade das empresas?

R- Só se houvesse uma grande revolta nossa, das pessoas com deficiência. Temos de nos mobilizar mais, na comunicação social, por exemplo. Para as pessoas poderem ver que as pessoas com deficiência são iguais às outras e que podem trabalhar. Há umas que podem fazer umas coisas, há outras que podem fazer outras, mas todos temos competências. Para abrir mais os olhos, para ser uma coisa mais geral. E também acho que o estado devia apostar mais em contratar pessoas com deficiência.

FAZER FRENTE AOS EMPRESÁRIOS E DIZER : "NÃO! EU CONSIGO TRABALHAR, CONSIGO FAZER ISTO, CONSIGO FAZER AQUILO. . ." MESMO QUE NÃO TENHAM CURSOS, SABEM FAZER MUITAS COISAS PORQUE A VIDA LHE ENSINOU.

O estado devia ter, por exemplo, num hospital, ter 10 pessoas com deficiência, num centro de saúde 5 pessoas com deficiência, numa escola, ter x empregados com deficiência... Ter um mínimo de pessoas com deficiência em cada trabalho do estado. Porque uma pessoa pode muito bem estar na receção, pode estar num computador, pode estar a atender telefonemas, pode fazer um trabalho que as pessoas ditas normais fazem nos centros de saúde, nos hospitais, nas clínicas, nas escolas... O estado devia dar o exemplo e não dá. Ajuda e dá garantias às empresas que contratam pessoas com deficiência, mas se a população em geral fosse aos hospitais, às escolas e desse de caras com pessoas em cadeira de rodas, com pessoas sem um braço, sem uma perna, começavam a pensar e começavam a ver que afinal essas pessoas conseguem trabalhar e conseguem ter uma vida normal. E que podem ter um rendimento sem ser o subsídio que recebem que é uma miséria.

E- Achas que as pessoas preferem trabalhar a receber subsídios?

R- Acho que sim. Mantêm a cabeça ocupada, mantêm o espírito ocupado, mantêm o tempo ocupado, e quando uma pessoa tem um subsídio só olha para a frente e para trás, e fica em casa sem fazer nada.

E- Que mensagem é que gostavas de deixar para as pessoas que têm deficiência e que têm dificuldades em arranjar trabalho?

R- Para não deixarem de lutar, para as pessoas continuarem a acreditar e a bater às portas e a enviar currículos. E a fazer frente aos empresários e a dizer : "Não! eu consigo trabalhar, consigo fazer isto, consigo fazer aquilo..." Mesmo que não tenham cursos, sabem fazer muitas coisas porque a vida lhes ensinou.

E- E às pessoas ditas normais?

R- Às pessoas ditas normais, para não desprezarem tanto as pessoas com deficiência, para olharem para nós como pessoas normais e iguais às outras, e para nos darem mais valor. Porque se as pessoas olhassem para nós como pessoas normais e com competências, mais emprego haveria, mais propostas haveria, e mais locais para pessoas com deficiência haveria. E as empresas lucrariam mais com o estado a ajudar por serem pessoas com deficiência a trabalhar nas próprias empresas.



TESTEMUNHO

JUNTOS PODEMOS FAZER UMA SOCIEDADE DIFERENTE

Olá, sou a Isabel e tenho 48 anos. Sou doente oncológica e estou desempregada.

Há mais ou menos ano e meio foi-me diagnosticado cancro na mama direita e foi a partir dessa altura que fiquei desempregada, pois o meu contrato estava a terminar, e assim que fui para a baixa fui despedida.

Neste momento encontro-me a recuperar, mas fiquei com alguma limitação no braço direito, por conta da cirurgia, e as dificuldades para voltar ao mercado de trabalho têm sido muitas.

Para quem passa por doenças oncológicas e outras em que ficam com algumas limitações é muito difícil voltar a arranjar trabalho.

A segurança social não reconhece qualquer tipo de incapacidade ou limitação nestas pessoas, para as juntas médicas estas pessoas não têm qualquer tipo de problema de saúde, dizendo mesmo que estão aptas para o trabalho. Mas há casos em que as pessoas não podem carregar pesos, não podem fazer certos movimentos ou até mesmo estar em pé por algumas horas...

Nos centros de emprego onde estão inscritos, também não é dada muita importância a este tipo de limitações, muitos acham até que não trabalham porque não querem. E quando as possíveis propostas de emprego saem, o que acontece é que não as podem aceitar porque não conseguem desempenhar as funções que foram propostas.

Devia haver um maior cuidado por parte dos centros de emprego em avaliar estas situações e junto das entidades patronais serem criados postos de trabalho adequados a estes indivíduos,



**PARA QUEM PASSA POR DOENÇAS ONCOLÓGICAS
E OUTRAS EM QUE FICAM COM ALGUMAS LIMITAÇÕES,
É MUITO DIFÍCIL VOLTAR A ARRANJAR TRABALHO.**

ou até mesmo criar cursos onde se pudessem formar noutras áreas, que fossem capazes de fazer. Gostaria de deixar esta mensagem de apoio a todas e todos aqueles que têm este tipo de limitação ou incapacidade e se encontram numa situação de desemprego: Que não baixem os braços e que não percam as esperanças, e nem se calem. Todos temos direito a estar na sociedade, um só não faz a diferença, mas juntos podemos fazer uma sociedade diferente, onde possamos trabalhar. Mas trabalhar com dignidade, naquilo que conseguimos e gostamos de fazer, pois se tivermos um trabalho que amamos, certamente seremos excelentes profissionais.

**NÃO BAIxem OS BRAÇOS,
NÃO PERCAM AS ESPERANÇAS
E NEM SE CALEM.**



NA PRÁTICA O EXEMPLO DA FUNDAÇÃO IRENE ROLO



Os Centros de Reabilitação e Formação Profissional (Decreto-Lei 290/2009, de 12 de outubro), criados no seguimento das reformas estruturais (Inclusivas) do Sistema Educativo, operadas com o DL-3/2008, vieram dar resposta à população com deficiência e incapacidade, através da capacitação desta, reforçando os apoios à qualificação, aos centros de recursos e ao emprego apoiado, bem como ajustando algumas matérias em função da implementação do Programa de Emprego e Apoio à Qualificação das Pessoas com Deficiência e Incapacidade.

Nesta perspetiva educativa e surgindo a aprendizagem como uma tarefa central do desenvolvimento da pessoa, as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos com deficiência e incapacidade são ratificadas como um problema, com múltiplas faces, que provoca dificuldades de adaptação cabais, que se traduzem numa diminuição da autoestima e motivação do aluno e, um natural comprometimento social deste, na medida que coloca em causa, o acesso a níveis superiores de estudo ou emprego.

Na “impossibilidade” de seguir um percurso educativo regular, estes alunos, finda a escolaridade obrigatória, deparam-se com um conjunto de desafios, entre os quais a necessidade de encontrar uma instituição e posteriormente um curso de formação profissional (específico para pessoas com deficiência e incapacidade) que vá ao encontro dos seus interesses vocacionais e capacidades e que permita a aprendizagem de uma profissão e, mais tarde, a entrada no mercado de trabalho, com todos os benefícios que este cenário acarreta. O objetivo dos Centros de Reabilitação e Formação Profissional é a Inclusão Social, dotando os/as jovens para o exercício de uma atividade profissional, com o auxílio de uma equipa técnico-pedagógica, promovendo as competências pessoais, sociais e profissionais que permitem a construção de um projeto de vida individual, promovendo a qualidade de vida e o exercício de uma cidadania plena.



O OBJETIVO DOS CENTROS DE REABILITAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL É A INCLUSÃO SOCIAL, DOTANDO OS/AS JOVENS PARA O EXERCÍCIO DE UMA ATIVIDADE PROFISSIONAL

Tomemos este exemplo, nos últimos cinco anos a média de integrações do Centro de Reabilitação e Formação Profissional da Fundação Irene Rolo é de 62%. Ora este indicador, não pode, de forma alguma ser escamoteado, tal como o impacto social que, por si só, representa. Muitos dos formandos integrados, advêm de Medidas de Apoio ao Emprego que acabam por beneficiar tanto empregadores, como colaboradores. Deparamo-nos, assim com o facto de a manutenção do emprego se verificar mais difícil do que propriamente a integração profissional (inicial) propriamente dita, após a conclusão da formação e o término das Medidas de Apoio ao Emprego. A este cenário não é de excluir a conjuntura socioeconómica do Sotavento Algarvio, que esgota (quase) a sua atividade empresarial no setor turístico, aliada à sazonalidade da região. A falta de tecido empresarial desta região Algarvia representa uma limitação para a integração desta população específica, já que a criação de empresas não acompanha, em determinadas áreas (ex: Operador/a de Impressão), o fluxo de formandos existente.

Urge, na nossa perspetiva, mudar de paradigma social e empresarial. O Algarve além de praias fabulosas e clima ameno todo o ano, manifesta também todo um potencial empresarial por perscrutar.

Edgar André - Técnico de Acompanhamento à Formação em Empresas

Ricardo Santos - Formador de Formação para a Integração

NACIONAL

GUIA PARA PESSOAS COM INCAPACIDADE OU DEFICIÊNCIA

Para que haja uma cidadania ativa, é importante que todos os indivíduos vejam as suas necessidades colmatadas. É, assim, fulcral que haja uma disseminação de informação, no sentido de garantir que todos usufruam dos seus direitos. Este guia surge para apoiar as pessoas com incapacidade ou deficiência na procura de alguns apoios existentes em Portugal, numa tentativa de tentar minimizar as dificuldades que lhes são acrescidas.



Atualmente, o sistema de apoios da segurança social encontra-se em fase de transição. Até agora existiam o subsídio mensal vitalício para pessoas com deficiência e a pensão social por invalidez. **Ambos vão ser substituídos no decurso de 2017 pela prestação social para a inclusão, destinada a pessoas com incapacidade superior a 60%.**

Para consultar de forma mais aprofundada este e os outros apoios prestados pela segurança social, basta aceder aos seguintes links:

<http://www.seg-social.pt/invalidez>
<http://www.seg-social.pt/deficiencia>



Pessoas com incapacidade ou deficiência têm alguns benefícios fiscais, nomeadamente no que diz respeito ao IRS (Imposto sobre rendimento de pessoas singulares), IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado), ISV (Imposto sobre veículos) e IVC (Imposto Único de circulação). Todos os passos a dar e explicação detalhada em:

http://info.portaldasfinancas.gov.pt/NR/rdonlyres/COA156C5-55FA-45CC-8077-D6D528FA CA6/0/Folheto_info_Pessoas_com_deficiencia.pdf

SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE

Taxas moderadoras do SMS

1. Como sei se me é devido o pagamento de taxas moderadoras? (Resposta atualizada em 6/04/16)
2. Como fazer para ser considerado isento do pagamento de taxas moderadoras? (Resposta atualizada em 5/08/2015)
3. Como fazer para ser considerado isento do pagamento de taxas moderadoras por incapacidade igual ou superior a 60%?
4. Como sei quais são as situações em que estou dispensado do pagamento de taxas moderadoras, sendo doente do foro oncológico? (Resposta atualizada em 7/03/14)
5. Como saber se continuo a beneficiar de isenção por situação de insuficiência económica?
6. Como fazer para obter isenção de taxas moderadoras por insuficiência económica?
7. Apresentei requerimento para reconhecimento de insuficiência económica. Como sei se sou considerado isento?
8. Qual o valor das taxas moderadoras, nas consultas, no atendimento em urgência e no hospital de dia? (Resposta atualizada em 6/04/16)
9. Qual o valor das taxas moderadoras nos exames complementares de diagnóstico?

Pessoas com incapacidade ou deficiência têm, também, direito a isenção de taxas moderadoras nos vários serviços de saúde públicos:

<https://www.ers.pt/pages/142>

Para além disso, existe participação nas despesas de deslocação executadas para a realização de tratamentos e assistência médica. Os procedimentos a realizar variam consoante a área de residência, pelo que se deverá contactar a Administração Regional de Saúde da área.

Discriminação por deficiência – queixa online

<https://www.portaldocidadao.pt/pt/web/instituto-nacional-para-a-reabilitacao/discriminacao-por-deficiencia-queixa>

IEFP

EMPREGO FORMAÇÃO **APOIOS** IEP ALGUA +BALÇÃO

Apoios

MEDIDAS DE APOIO

Apoios à contratação
Apoios à mobilidade geográfica
Cheque-Formação
Empreendedorismo
Emprego-Inserção
Emprego Jovem Ativo
Estágios
Incentivo à aceitação de ofertas
Promoção das artes e ofícios
Reabilitação profissional



O Instituto do Emprego e Formação Profissional contempla várias medidas de apoio cujos destinatários são pessoas com incapacidade ou deficiência, nomeadamente os apoios à contratação, Emprego-inserção, Estágios, promoção das artes e ofícios e Reabilitação profissional.

Para mais detalhes consultar:
<https://www.iefp.pt/apoios>

OUTROS APOIOS

Código do trabalho

A subsecção VII do Código do trabalho vigente em Portugal regula os direitos do trabalhador com deficiência ou doença crónica (do artigo 85º ao artigo 88º):

http://www.cite.gov.pt/pt/legis/CodTrab_LR1_003.html#L003S2

Cartão de estacionamento

<https://www.portaldocidadao.pt/pt/web/instituto-da-mobilidade-e-dos-transportes/pedido-de-cartao-de-estacionamento-para-pessoas-com-deficiencia>

Crédito Habitação

<http://dientebancario.bportugal.pt/pt-PT/Credito/CreditoaHabitacao/Paginas/CreditoDeficientes.aspx>

